

CLIPPING

31 de Maio de 2019

O Liberal- Política, 07

PROTESTO

Estudantes vão às ruas pela educação

MANIFESTAÇÃO -Ato em Belém teve cerca de 25 mil pessoas e contou com adesão de professores e sindicalistas

O segundo Dia Nacional em Defesa da Educação reuniu cerca de 25 mil pessoas no centro de Belém, na tarde e noite de ontem. Organizada por movimentos sociais, à frente estudantes, professores, sindicalistas e partidos políticos, o evento teve uma passeata que saiu da Praça da República, seguiu pela avenida Nazaré até o Largo de São Brás, onde houve um ato público. Ao longo do protesto, todo ele pacífico, manifestantes expressaram sua crítica à política do governo federal de promover cortes no setor educacional público do País.

O professor Abel Ribeiro, dirigente do Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública do Estado do Pará (Sintep), destacou que a manifestação “é para protestar contra a atitude do governo federal que cortou R\$ 2 bilhões da educação pública do País, e isso afeta tanto a educação superior, quanto a educação básica, ou seja, o ensino fundamental e o ensino médio, porque abrange o ensino, a pesquisa, a extensão e o custeio geral das escolas nos dois níveis”.

Lideranças indígenas participaram da passeata. Um desses manifestantes portou um cartaz com as palavras: “Não somos pobres; somos empobrecidos”. Em carros-som, professores e estudantes expuseram que “as pessoas que estão aqui não vestem verde e amarelo, mas são muito mais brasileiros porque defendem a educação”.

Estudantes da Universidade do Estado do Pará (Uepa) compareceram em grande número ao protesto. A frase “Me armo de livro, me livro de arma” pontuou a marcha pelo centro

de Belém. Outras também foram expostas em faixas e cartazes, como “Cabeça vazia é oficina do Olavo”, “O maior ato de rebeldia contra o sistema é ser estudioso” e “A UFPA vale a luta; orgulho de ser UFPA”.

O reitor da Universidade Federal do Pará (UFPA), Emanuel Tourinho, que havia participado do primeiro ato contra os cortes do governo na educação, no dia 15, com

pareceu à manifestação de ontem. “Eu estou aqui, porque a situação não mudou; nós continuamos com graves restrições orçamentárias que podem, em um prazo bastante curto, inviabilizar as atividades nas universidades federais”, afirmou. Sobre o ato de ontem, o reitor declarou ser muito significativo, “não estão aqui só pessoas das universidades, nem só pessoas ligadas à educação, é a sociedade toda que está aqui dizendo que quer investimentos em educação, porque entende serem necessários para o futuro do País”.

“Eu curso Licen-

ciatura em Teatro na UFPA e vim vestido de palhaço para mostrar a arte produzida dentro da Universidade, ou seja, a produção de conhecimento”, afirmou o estudante Maurilio Brandão, 21 anos. Os manifestantes também se posicionaram contra o projeto de Reforma da Previdência, do governo federal. O cantor e compositor Rafael Lima participou do protesto. “Eu estou aqui em apoio

Reforma da Previdência também foi atacada em ato realizado em Belém

aos estudantes, para não se desgraçar o País”, declarou.

Estudantes defenderam a manutenção de investimentos em ciências e em seus cursos universitários, como se viu no cartaz com as palavras: “A Geografia serve para desvendar máscaras sociais”.

O assassinato da vereadora Marielle Franco, do Rio de Janeiro, em 14 de março de 2018, foi lembrado na manifestação por membros do PSol e lideranças comunitárias.

Para o deputado federal Edmison Rodrigues (Psol-PA), em todo o País, a juventude foi às ruas porque se sentiu provocada pelo presidente que, de forma irresponsável, convocou uma manifestação que foi esvaziada no País, e por um governo que não combate o desemprego e a falta de geração de renda para os cidadãos e atua em situações que atingem negativas à população, como o déficit habitacional, falta de saneamento. Para 14 de junho está prevista uma paralisação geral. Pela manhã, também houve protesto pela educação e no bairro de Miramar, em Belém.

Atos ocorreram em 22 estados e 100 cidades

BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO

Manifestações convocadas pela União Nacional dos Estudantes (UNE) e pela União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (Ubess) contra o contingenciamento de verbas para a Educação reuniram ontem milhares de pessoas em ao menos 22 Estados e no Distrito Federal.

Estudantes e professores voltaram às ruas para protestar cinco dias após as manifestações em favor do governo do presidente Jair Bolsonaro e em defesa das reformas, no domingo passado. Com público menor e mais segmentado em relação aos atos realizados no dia 15, os protestos desta quinta-feira, 30, contaram com o apoio de centrais sindicais, contrárias à reforma da Previdência.

Os atos não contaram com a participação formal das legendas de oposição, mas em diversas capitais houve a participação de líderes políticos e a defesa de bandeiras como "Lula Livre". Foram contabilizados protestos em cerca de 100 cidades do País.

"A gente avalia que a manifestação do dia 26 (pró-governo) foi significativa, mas não queremos comparar os dias 15, 26 e 30. São propostas diferentes. Não queremos briga de torcida", disse a presidente da UNE, Marianna Dias, durante o ato no Largo da Batata, em São Paulo.

Em Belo Horizonte, manifestantes se concentraram na Praça Afonso Arinos, na região central. "Nosso recado aqui, hoje, é que não dá para suportar o corte que está sendo feito pelo governo federal. Vai atingir o dia a dia da universidade (Federal de Minas Gerais)", afirmou a coordenadora do Sindicato dos Trabalhadores em Instituições Federais de Ensino (Sindifef), Cristina del Papa, para quem a UFMG deve perder R\$ 65 milhões com o contingenciamento.

No Rio, os manifestantes se concentraram ao redor da Igreja da Candelária, a partir das 15h, e por volta das 18h30 seguiram em caminhada até a Cinelândia. Durante todo o trajeto foram entoados coros como "não é balbúrdia, é reação /é estudante defendendo a educação". Também havia faixas e cartazes com críticas ao presidente Jair Bolsonaro e ao ministro da Educação, Abraham Weintraub.

Ensino público estaria ameaçado

SÃO PAULO
AGÊNCIA ESTADO

Em Curitiba, os manifestantes se reuniram na Praça Santos Andrade e caminharam em direção à Boca Maldita, na região central da capital paranaense. Para a estudante de pós-graduação em Recursos Humanos Renata dos Santos Mattos, de 28 anos, a mobilização mostra a indignação das pessoas contra a política do governo. "É um erro querer cortar de onde não pode, deveria fiscalizar outros setores. Por que não reduzir os próprios salários dos políticos?", afirmou.

Em Porto Alegre, os atos começaram na Esquina Democrática, no centro. O manifestante seguiu em caminhada rumo ao Largo Zumbi dos Palmares, no bairro Cidade Baixa. Para o assistente social Agnaldo Engel, de 34 anos, "a luta é por uma educação pública gratuita, laica e de qualidade. Estamos aí batalhando contra todos os cortes que o governo federal está fazendo", disse Engel, graduado pela UFRGS.

Em Salvador, as manifestações começaram pela manhã, no centro da cidade. A presidente do Sindicato dos Professores das Instituições Federais de Ensino Superior da Bahia (Apub), Raquel Nery, tentou minimizar a presença das centrais sindicais no movimento, dizendo haver uma relação direta entre a pauta dos estudantes e a dos sindicatos. "O protesto foi organizado pelos estudantes e é deles o protagonismo. As demais entidades apoiam o movimento. Não podemos dar a esse 30 de maio a cor das centrais sindicais", disse.